

DALVI, Maria Amélia. *No cangote do Saci. Lendas do Brasil*. Ilustrações de Daniel Kondo. São Paulo: Kondo Studio, 2018.

Silvana Pinheiro*



Maria Amélia Dalvi é escritora e professora universitária. Com pós-doutoramento em Letras, atua no magistério superior, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), desde 2010, vinculada ao

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Departamento de Linguagens, Cultura e Educação e aos cursos de mestrado e doutorado em Educação e Letras. Criou em 2011 o grupo de pesquisa “Literatura e Educação”, na Ufes, trabalho que coordena até o presente. É autora dos livros *Drummond: do corpo ao corpus - O amor natural toma parte no projeto poético-pensante* (2009) e *Drummond: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático* (2011), ambos pela Edufes. Recebeu o Selo Altamente Recomendável para o livro infantil *No cangote do Saci: lendas do Brasil*, em coautoria com Daniel Kondo, concedido, em 2019, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil / IBBY Brazil. A mesma obra foi selecionada para o FNLIJs selection of Brazilian writers, illustrators and publishers at Bologna Childrens Book Fair 2019. Atua com frequência em projetos e programas públicos para o livro, a leitura, a literatura e a formação inicial e continuada de professores, tanto ligados à Educação Básica, como ao Ensino Superior.

No cangote do Saci: lendas do Brasil é um livro destinado a crianças, sem, no entanto, deixar de cativar leitores de todas as idades, que podem acessar narrativas revoantes sobre a memória de qualquer brasileiro desde a infância. Trata-se de uma coletânea de dez lendas baseadas em personagens da nossa cultura popular, muitos deles bem conhecidos. A obra recupera essas narrativas, recontando-as por meio de delicados e bem-humorados textos poéticos, que também retomam formas clássicas da poesia popular, sem, no entanto, manter nenhuma fixidez formal.

Acompanha cada texto poético, além das provocantes ilustrações do livro, uma breve exposição informativa sobre cada lenda e seus personagens, identificando suas origens e os principais fatos imaginários associados a essas narrativas: Curupira, Boto Rosa, Capelobo, Cobra Norato e Maria Caninana, Boitatá, Iara, Cuca, Pássaro de Fogo, Barba-Ruiva e Saci. Algumas delas são mais conhecidas do público em geral, como Curupira, Boitatá e o próprio Saci, que se exhibe desde o título e a capa e mostra mais explicitamente a que veio na última narrativa do livro. Outras são menos comuns e requerem novos dados para alcançar a lembrança dos leitores, o que a publicação também oferece. Além das dez

personagens-tema, outras são citadas em um ou outro poema. E a variedade das histórias contempla diferentes origens e localizações no mapa brasileiro, inclusive com a referência à narrativa popular capixaba, *O pássaro de fogo*, terra de nascimento da escritora.

A publicação tem uma arquitetura bem delineada pelas mãos de Daniel Kondo, reconhecido ilustrador e autor de livros para crianças e jovens, que assina o projeto gráfico e as ilustrações da obra. Quando fechada, pode parecer um álbum de estrutura simples, como outros para essa faixa etária. No entanto, ao ser aberta, transforma-se em livro-brinquedo. Capa e contracapa se abrem em grandes orelhas, que apresentam um mosaico de caras e partições dos corpos que aparecerão no interior da obra.

Além disso, logo nas primeiras páginas, que apresentam-se em duplas, há os nomes das figuras lendárias, recortados em pequenas partes ou sílabas isoladas, bem como suas respectivas ilustrações, também segmentadas. Os nomes e imagens sofrem dois cortes cada, possibilitando que os textos e as ilustrações originais possam ser decompostos em três frações e recompostos de variadas maneiras, à medida que cada lâmina é virada como página, encontrando outros segmentos dos nomes e das imagens de novos personagens.

Esses movimentos proporcionam ao leitor a oportunidade de recriação das representações de cada personagem, compondo quebra-cabeças multifacetados, que se reconfiguram de modos divertidos e inusitados, posicionando palavras e figuras em inúmeras disposições, construindo uma dinâmica de leitura interativa, caleidoscópica e profusa em sentidos, levando o leitor a se localizar na obra como coprodutor. Assim, na própria essência do projeto editorial, mimetiza-se o movimento de criação e recriação das narrativas da cultura popular, que sofrem pequenas alterações a cada contato com novos ouvintes-leitores, o que possibilita a abundância de versões das mesmas e outras histórias que habitam o nosso imaginário. A parceria entre escritor, ilustrador, projetista-gráfico e leitor resgata

não só os textos populares, mas também a dinâmica de como eles se tornam profícuos ao longo da história.

Segundo os autores do livro, a criação de *No cangote do Saci* foi construída por meio de um processo de parceria e diálogo permanente entre eles, a partir de uma ideia inicial de Kondo e da pesquisa engendrada por ele e Maria Amélia Dalvi sobre diferentes lendas:

Considerando a diversidade de fontes com que trabalhamos, de saída percebemos que tanto a descrição das personagens quanto a sequência de eventos narrativos é, em diversos casos, múltipla e até mesmo conflitante. Longe de criar uma dificuldade ou de mobilizar em nós uma postura normativa (de encontrar a versão “correta” e “oficial”), essa constatação nos deu gana de compor e apresentar as personagens à maneira de um mosaico. Foi um prazer, para nós, trabalhar nessa (re)descoberta e na reinvenção de tantos possíveis para histórias que – supúnhamos – estavam consolidadas¹.

A escolha do título é feliz. *No cangote do Saci* destaca o elemento lúdico do livro, elegendo o Saci como guia que conduz os leitores a brincar com as narrativas folclóricas, ele que é um personagem que encarna em si mesmo a criatividade, a folia e a convivência com a variedade e a riqueza de nosso folclore.

Há um poema-prólogo, sem título, um convite a entrar na obra. Construído em quatro estrofes, com três versos cada, todos com cinco sílabas métricas, ricas em assonâncias e aliterações e rimas que ecoam no interior e nos finais dos versos. Mais do que convidar a entrar no livro, o poema chama os leitores a vivenciarem as lendas brasileiras, recuperando o clima das rodas de histórias “[...] Em volta do fogo”, onde “Há sempre um sábio/ Que conta uma lenda/ De um longo passado”, mostrando que as “[...] Memórias do povo/ Estão renascendo”. O diálogo se reinaugura e desperta curiosidade e aquele medo gostoso, que só sente quem convive com as misteriosas histórias do imaginário popular: “Eu vou te falar:/ São tantas as lendas.../ É de arrepiar!”. Sendo assim, enfatiza o quanto

¹ Depoimento apresentado pelos autores ao “Caderno Cultura”, do *Estadão*, disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estante-de-letrinhas/assinatura-de-livros-natalino-saci/>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

é vasto o universo de narrativas que o livro chama a conhecer, lembrar e passar adiante, para que não se percam de nossa memória junto às outras gerações que virão.

Depois dessa seção que contém os quebra-cabeças e possibilita ao leitor brincar com os recursos do livro, a partir de seu próprio imaginário, a publicação apresenta as lendas do Brasil propriamente ditas. São textos divididos em três grupos que dialogam entre si. Há as imagens de cada personagem, que normalmente perpassam a página sobre sua narrativa, com traçados dinâmicos, entrando e saindo do livro, enfiando a cara, a perna ou o rabo entre os textos ou somente uma língua comprida, deixando um rastro sugerido. Cada imagem acompanha uma sinopse da respectiva lenda, identificando sua origem, diversa entre as etnias que formaram as populações do Brasil, e seus principais elementos narrativos, bem como um poema sobre o personagem e sua história.

No conjunto das lendas exploradas, além da diversidade de origens étnicas e geográficas, identificadas ou não, há uma variedade de temáticas que transversam os textos, muitas delas com vínculos às questões ambientais brasileiras. Nota-se ainda a contemplação de diferentes tipos de personagens, sejam femininas ou masculinas, que carregam características e perfis diversos. Muitas delas rompem com estereótipos e dualismos simplistas, reconfigurando-se em outras manifestações de gênero e transitando entre posições éticas e estéticas que deslocam o entendimento do que é bom e mal, belo e feio. Em particular, a ênfase na questão ambiental, tão necessária ao atual momento sócio-político e econômico brasileiro, é uma recorrência. Vemos, por exemplos, a presença do Curupira enganador de pessoas que deflagram desequilíbrios ambientais em seus domínios de território, bem como o Capelobo que se vinga de caçadores ou o Boitatá que protege as florestas.

Os textos poéticos de Maria Amélia Dalvi lembram a estrutura dos versos populares, sobretudo por sua extensão clássica, muitos em redondilhas maiores ou menores, além dos hexassílabos. No entanto, não se limitam ao formato das

quadras populares, mais comuns nas recitações dos textos folclóricos presentes em nossa memória. Da mesma forma, seus poemas se utilizam muito mais de rimas internas, aliterantes ou toantes, do que das clássicas rimas finais. Também o número de versos de cada estrofe e o número de estrofes é variado, como toda a proposta do livro, que privilegia a multiplicidade de caminhos e sentidos, proporcionando o contato do leitor com poemas de ritmos diversos. Assim, embora se utilize da sonoridade pautada em algumas estruturas populares, Dalvi recorre a elas, imprimindo uma marca peculiar em seu trabalho, fazendo dialogar o tradicional com o novo.

A partir desse caminho formal, percebe-se uma transição permanente, um fluxo e refluxo entre o tradicional e o novo, que torna a obra acessível, interessante e de leitura desafiadora. Mas tal trajeto não se reduz às escolhas formais. Forma e conteúdo se imbricam ao longo dos poemas. Muitos de seus textos tomam como ponto de partida o universo comum aos leitores contemporâneos, como aqueles ligados aos meios eletrônicos e virtuais ou às brincadeiras e fatos do cotidiano da infância de hoje, para levar os leitores a estabelecer contato com as personagens apresentadas. Em outros momentos, seus versos trazem perguntas provocativas, que abrem espaço para o diálogo interno ou coletivo sobre as lacunas das narrativas lendárias, instigando a participação e o crescimento dos leitores, a partir de suas próprias hipóteses de respostas e conclusões.

O livro de Maria Amélia Dalvi e Daniel Kondo, dessa forma, pode proporcionar uma variada riqueza de experiências aos leitores, por demandar deles um protagonismo de atuação que os leva a movimentos físicos e cognitivos de interação com esse objeto editorial. Um livro infantil com essas características e que resgata lendas da nossa cultura popular, não se restringe a ser um exemplar informativo, embora isso esteja presente na obra e seja uma de suas interessantes propostas.

Mais do que isso, carrega a força de um objeto que encanta, por seus textos verbais ou imagéticos, pelos desafios de leitura que propõe aos leitores em formação e a todos que apreciam um bom livro, e pela sensibilidade e respeito

com que dialoga com o imaginário e a cultura popular, aproximando-os das realidades e discursos contemporâneos.

Recebida em: 31 de julho de 2019.
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.